



No início do século XIX, italianos perseguidos em seu país por serem contrários ao regime monárquico buscaram refúgio na América do Sul.

Alguns apoiaram jornais republicanos na década de 1830 e se envolveram na Guerra dos Farrapos. Tito Lívio Zambecari, redator de O Continentino, facilitou o contato entre os farroupilhas e liberais italianos como Luigi Nascimbene.

Nascimbene, formado em física e matemática, era engenheiro hidráulico em Montevideu e comerciante da República Rio-grandense. Ele se aproximou dos líderes farroupilhas e contribuiu com suprimentos durante a guerra.

Nascimbene registrou a guerra em seu livro, publicado em 1860, em Paris sob o título *Memória y Prospecto sobre a História de la América Meridional antes Colônias de España*, um dos primeiros relatos detalhados do conflito após seu término em 1845.

Memórias da Farroupilha: as escritas de Luigi Nascimbene



O livro, 838 ed. 14, p. 04. Acervo da Biblioteca Nacional Digital - INDigital



Durante a Guerra dos Farrapos, as mulheres tiveram que assumir diferentes funções para apoiar o movimento. Muitas contribuíram doando bens, dinheiro e até mesmo cedendo imóveis. Algumas auxiliavam de forma mais direta, escondendo e enviando armamentos.

Outras atuavam como "vivandeiras", cuidando da alimentação, higiene e fardamento das tropas. Além disso, algumas mulheres estavam presentes nos campos de batalha, acompanhando e cuidando dos soldados. Além de mulheres indígenas, também havia mulheres negras escravizadas e mestiças. Relacionamentos amorosos tinham início em meio às batalhas e, por vezes, terminavam junto com elas.

Anita, como é o caso de Ana Maria Ribeiro de Jesus, acompanhou Giuseppe Garibaldi em suas aventuras, indo além do apoio tradicional. Sua coragem e persistência ainda são lembradas na literatura histórica regional.

Guerreiras, estanceiras e vivandeiras



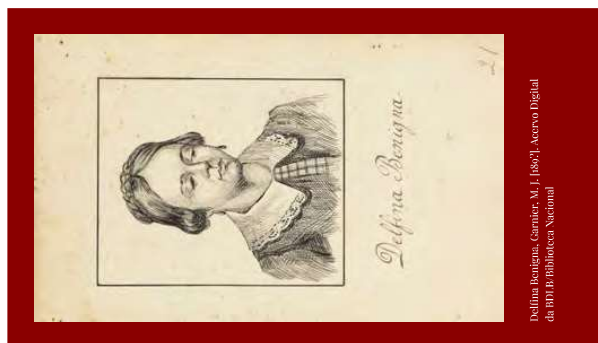
Anita Garibaldi. Iconografia. Arquivo Histórico do IFS



Bilhete postal com a imagem de Anita Garibaldi. Iconografia. Arquivo Histórico do IFS



24110000023676



A participação das mulheres na Guerra também ocorreu por meio das artes e das letras. O surgimento dos primeiros periódicos ocorreu no contexto de agitação política que antecedeu o conflito.

As meninas, tradicionalmente destinadas a aprender apenas técnicas domésticas, passaram a buscar aulas particulares, contribuindo para a proliferação desse tipo de ensino no Rio Grande do Sul. No início da década de 1830, os periódicos farrapos traziam anúncios de professoras que ministravam aulas primárias.

A presença feminina nas letras tornou-se evidente com as primeiras escritoras da região, como a poetisa Delina Benigna da Cunha, conhecida como a “Musa Cega”. Ela expressava críticas aos rebeldes e aos excessos da guerra em seus versos. Por meio de suas obras, é possível conhecer um pouco mais sobre as consequências da guerra na vida das mulheres e de suas famílias.

*A instrução pública e
as escritoras durante a Farroupilha*



Harzo, Juan Manuel Blanes, 1867.
<https://antares.uy/obra/7769>



El capatze, Juan Manuel Blanes, 1867.
<https://antares.uy/obra/7770>



La doma, Juan Manuel Blanes, 1877.
<https://antares.uy/obra/7807>

A origem da palavra "gaúcho", ou *gaucho* em castelhano é incerta. Remonta ao século XVIII, quando designava homens que vagavam pelas campanhas platinas, conhecidos também como vagos, gaudérios e *hombres sueltos* na literatura gauchesca.

Constantemente armados e em disputa com indígenas e espanhóis, montavam cavalos para arrebanhar e tropear o gado bravo remanescente das reduções.

Com a consolidação da propriedade pecuarista e o auge da economia do charque, a mão de obra gaúcha tornou-se essencial nas estâncias de criação. A exportação de charque para alimentar escravizados intensificou as relações de produção escravista na região sul.

No início do século XIX, esses homens juntaram-se às tropas irregulares lideradas pelos caudilhos. Participaram de guerras e utilizaram suas habilidades adquiridas no trato com as reses, por meio do manuseio de facas, laços e boleadeiras, e na proteção das propriedades, no combate que se tornou uma extensão de suas vidas nas estâncias.



Barco brasileiro feito com couro bovino, Jean Baptiste Debret, 1815.
Acervo Biblioteca Nacional Digital - BN Digital

"Gaúchos"
constituição social e costumes

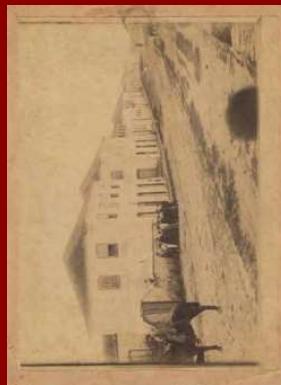


O prédio do Museu de Piratini foi construído no início do século XIX, quando a região fazia parte do 3º distrito da vila de Rio Grande. Com a concessão de lotes de terras a casais açorianos, a população local cresceu, incluindo antigos criadores, trabalhadores negros escravizados e povos indígenas.

Em 1810, o povoado foi elevado à condição de freguesia. Além dos açorianos, antigos criadores, trabalhadores negros escravizados e povos indígenas, famílias oriundas de outras povoações se estabeleceram em Piratini, inclusive os primeiros moradores do sobrado dos Meirelles.

A Vila de Piratini, em 1830, contava com igrejas, teatros, praças, fontes de água, fábricas e diversos edifícios públicos, sobrados e casas térreas característicos do período colonial, com influências arquitetônicas luso-brasileiras.

*Início do Século XIX -
A construção do solar*



Prédio do Governo em Piratini (antiga Rua Clara, no final da qual ficava o Solar dos Meirelles, Arquivo do Arquivo Histórico do RS)